

Resenha

HARMAN, P. M. *A Revolução Científica*. São Paulo: Ática, 1995. 60p.

*Raquel Dal'CORTIVO*¹

Catástrofes naturais, pestes, guerras, falta de alimentos, desconhecimento, medo. Esse era o cenário social europeu até o século XVII. Acrescente-se a isso uma mentalidade teocêntrica, onde a doutrina cristã era a única autoridade válida para o conhecimento e a teologia, a rainha das ciências; ficando a razão limitada pelos dogmas da igreja.

Mas, nos séculos XV e XVI, o homem deixa de ser um espectador passivo e passa a ser um operador ativo, pois havia o interesse no controle da natureza para servir aos objetivos humanos. A visão teocêntrica do mundo começa a mudar e a ciência, agora, consiste na manipulação das propriedades e poderes ocultos do universo, a observação passa a ser a tônica científica, renunciando os triunfos intelectuais da física e da astronomia nos séculos XVI e XVII.

No século XVI surgem a bússola, a pólvora, a imprensa, promovendo o desenvolvimento da Europa renascentista e despertando interesse pela física e pela cosmologia. A partir do século seguinte a natureza passa a ser comparada a uma máquina e a concepção de universo é revolucionada com a teoria de Nicolau Copérnico, com a qual a terra perde sua singularidade de centro do universo, passando a ser um simples planeta que gira em torno do Sol. Sustentando-se nesses estudos, é que Johannes Kepler lança a hipótese da órbita elíptica dos planetas, fundamentando assim a moderna cosmologia e destruindo a suposta perfeição do firmamento.

“No cosmo geocêntrico medieval, o homem tinha um papel central no drama da criação, embora a Terra fosse o menos nobre dentre os domínios do universo.” Ao se aceitar que a Terra é um planeta, e se

¹ Aluna do terceiro ano do curso de Letras, bolsista do PIBIC/CNPq, vinculada ao Projeto de Pesquisa **Proposta para uma revisão da crítica e da história da poesia brasileira da geração de 45**, coordenado pelo Prof. Osvaldo Copertino Duarte.

assegurar a possibilidade de pluralidade dos mundos, destrói-se a doutrina de que o homem possuía uma posição única no universo, acometendo-se o homem, portanto, de um sentimento de insignificância.

Os escritores do século XVII referem-se com freqüência ao sentimento de humildade diante da vasta criação divina – a Terra como um grão insignificante na amplitude do espaço infinito” e ao contrário do que se deu com Copérnico, a teoria de Kepler é aceita pelos eruditos da época e não interessa à Igreja que a vê apenas como um método matemático.

O clima pacífico entre teologia e ciência viveu momentos tumultuados pelas publicações de Galileu Galilei, com afirmações contrárias à concepção que a Igreja julgava compatível com a teologia. Galilei, não evita o confronto direto, tendo sua obra incluída no Índice e sendo julgado pela Inquisição. A questão levantada pela resistência de Galilei frente a teologia mostra, contudo, a importância da independência do conhecimento natural em relação ao controle teológico e afirma a integridade e autoridade dos métodos científicos.

A tradição científica desse século ainda sofreria a influência de Francis Bacon, que instituiu um novo método científico baseado na coleta e comparação de dados. Bacon considerando nobre os objetivos da magia, apesar de condenar os excessos por ela cometidos, dizia que esse novo método possibilitaria a compreensão do mundo natural.

Ao contrário de Bacon, Descartes refutava totalmente a física aristotélica e a teoria dos poderes ativos da magia natural, concebendo a física como um sistema racional fundamentado em princípios filosóficos. Para Descartes todas as substâncias e fenômenos físicos tinham origem na movimentação da matéria, de modo que a natureza só sofreria mudanças através do contato de grandes partes de matéria. Essa cosmovisão mecanicista teve profunda influência na ciência subsequente e é fundamental para a Revolução Científica.

Robert Hooke e Robert Boyle, na abordagem mecanicista do mundo, aplicam o método experimental de Bacon por entenderem que o estudo racional da natureza dispersaria as paixões e o entusiasmo espiritualista do período sombrio que terminara. Os escritos teológicos de Boyle mostram a tensão intelectual que permeava o período, pois tentava-se tornar compatível a visão mecanicista com a

fé religiosa. Essa tensão permanece em Newton, responsável pela fundação segura para a nova astronomia do século XVII, que, embora entendesse que os movimentos da natureza poderiam ser descritos por leis matemáticas, explicava o funcionamento do universo como resultante da ativação do poder divino. A física e a mecânica de Isaac Newton são consideradas o ápice da Revolução Científica.

Este panorama histórico da ciência é desenvolvido nas sessenta páginas do livro *A Revolução Científica*, publicado em 1995 pela editora Ática. Após traçar o caminho percorrido pela ciência moderna, mostrando as lutas travadas com a Igreja, P. M. Harman, conclui que a Revolução Científica transformou fundamentalmente a concepção do homem sobre o seu papel diante da natureza e do ser.

O poder do chiste

*Oswaldo DUARTE*¹

Embora certos editores ainda reclamem, já vai longe o fato que há algum tempo se denominou "crise da leitura", cujas causas estariam consignadas às carências no campo do ensino e às deficiências do sistema de produção e distribuição do livro, somados ao baixo nível de linguagem, desconhecimento ou desinteresse pela literatura por parte do público. Longe também de estar superado em todas as nuances, este fato, merece consideração particular, principalmente por apresentar características contraditórias que só reafirmam sua complexidade.

A 13ª Bienal do livro de São Paulo está confirmada para os dias 1 a 10 de maio e é possível prever novo recorde em vendas. Espera-se um público superior a dois milhões de leitores em potencial que levem mais de vinte milhões de livros para suas casas, já que o mercado editorial brasileiro comercializou cerca de quatrocentos milhões de exemplares em 97, desconsiderada a produção de editoras menores localizadas na periferia do sistema e em cidades do interior. Tudo isso (ou apenas isso?) apesar da constatação do aumento da miséria que sustem abaixo da linha do acesso ao saber impresso nada menos que 240 mil adultos que jamais foram a escola e outros milhões de cidadãos que tendo passado por ela, não são beneficiários das marcas positivas que poderia ter impresso em suas vidas. Como se vê, apesar dos avanços, a história da leitura no Brasil continua um enredo fraco.

É sob o impacto dessas informações – aproveitando alguns dias de férias – que me debruço sobre alguns lançamentos, livros comprados, outros recebidos de editores nos últimos meses e apenas depositados sobre a mesa de trabalho. Tem tanta gente publicando livro no Brasil, que somos levados a capitular diante daqueles que acreditam que em termos de crítica, não há sobre o que se escrever nos tempos atuais e que verdadeira originalidade é fazer como Permínio Asfora que deixou de escrever por completo ceticismo. Há tanta coisa indigesta rolando pelas águas turvas da nossa literatura recente, que a cada envelope aberto, apesar das belas capas, títulos atraentes, impressão, encadernação e gramatura delicadas, parece antever-se um aviso: cuidado, cão bravo. O problema que se impõe hoje não é mais o da "crise da leitura" mas da qualidade do que se publica e os riscos que

¹ Professor da UNIR - Univ. Fed. de Rondônia e autor, entre outros, de *Dias Férteis* (4. ed. São Paulo: Scorecci) e *Abri, abriste abreu*. (4. ed. São Paulo: Atual).

essa qualidade impõe à sobrevivência dos leitores que, a duras penas, levamos muitos anos para formar.

Mas, eis que em meio a isso tudo, encontro algo diferente: capa preta, coisa sem brilho, sem o artifício das orelhas e seus depoimentos suspeitos. Trata-se de *Vida, morte e paixão de Etelvino Soares*, de Lustosa da Costa, cujos defeitos, felizmente não ultrapassam o prefácio e a introdução, descabidos e desnecessários. Enfim uma surpresa boa a exemplo do prazer já experimentado com os romances de outro brasileiro por adoção, Nilto Maciel. Chego mesmo a suspeitar de algo estranho no planalto central: dois escritores de qualidade já é um pouco demais!

Vida, paixão e morte de Etelvino Soares, embora tenha aparecido pouco até aqui, é a porção melhor ao lado do horror de alguns títulos bem vendidos, cujos compradores (diferente de leitores) são geralmente marcados pela escassez de repertório e poucos critérios na seleção. Trata-se da história de um tipógrafo, que apesar de mal letrado, encena trejeitos de homem das letras: uma espécie de traste quixotesco, obstinado por enfrentar nas páginas do jornal *O combate* a oligarquia e o clero numa cidadezinha do interior, não necessariamente nessa ordem já que se confundem, quer nas origens ou nos atos, como duas formas de manifestação de um mesmo poder, o poder político das oligarquias que tudo podem e tudo fazem. Assim, batendo de frente com os poderosos, Etelvino Soares enfrenta indiferença e humilhação até ser eliminado no melhor estilo dos donos do poder no interior país: uma eleição, uma manhã de domingo, "mais uma de suas doidices" e é calado pelo berro de cinquenta bocas de revólveres cuspidos fogo e escárnio sobre seu cadáver. Tudo em ritmo tão filmográfico, que nisso se assemelha ao Memorial de Maria Moura, o que não estranha ter sido no início um projeto para televisão.

Etelvino rumara para Sobral já em fuga de si mesmo. Vestido num esteriótipo romântico à imagem de Castro Alves, joga palavras ao vento. Palavras sem direção de uma personagem, que em luta cega pelo que imagina ser a verdade, se esforça para dar voz aos menos favorecidos, sem se dar conta que ele, proprietário de um jornaleco, é também desfavorecido em tudo: não tem cultura, dinheiro, poder, e também não tem voz, já que seus rompantes só se fazem sentir como atrevimento. É um herói sem causa, e sendo assim, abraça com ferocidade todas as causas perdidas, como se escolhesse apenas oponentes de peso: juizes, delegados, bispos, donos de terra e capangas.

Estruturado aos moldes do folhetim, o texto desliza suave (que coisa boa) apesar do sangue e da corrupção de toda ordem. Esquivando-

se da sisudez da denúncia e sem manifestar a ortodoxia redundante na vertente social do romance nordestino de 30, *Vida, paixão e morte de Etelvino Soares* pretende ser alegre, sarcástico, fazendo a sátira dos tipos e costumes pela exploração do chiste e da ironia, mesmo valendo-se da matéria social ao denunciar a pobreza através do sarcasmo com que olha para certas riquezas inexplicadas. De fato, nunca se viu tanta gente abancada em heranças duvidosas como neste livro.

Hábil construtor de personagens, com poucos traços, o autor é capaz de desvelar-lhes o caráter, a alma, os vícios, como faz ao traçar as caricaturas do odioso bispo dom Manoel, de Ataliba Teixeira, "um perna manca", "queixo solto" e homem e de poucos modos, que se presta a arte do fuxico ou de Durçulina, um beata fervorosa em cristo, mas responsável pelo defloramento mais escabroso ocorrido em Sobral.

Passemos agora para outros traços mais significativos. Composto em capítulos fechados, como se fossem marcações de cena, chama a atenção o modo como o autor dispõe esses episódios. Ao começar o romance pela resolução (a morte do jornalista), opta por um procedimento que vai ser repetido, em forma micro estruturas, em toda a trama ou discurso narrativo. A exemplo do que faz ao narrar a morte de Etelvino Soares, sem apresentá-lo ao leitor, introduz as personagens de chofre, sem apresentá-las ou caracterizá-las, como forma de gerar suspense e manter acesa a leitura, valorizando o sistema semiótico literário, o caráter instigante da escrita, sem contudo desprezar a leitura da realidade, suas motivações sociais e mediações com a história do nordeste. Trata-se, enfim, de um trabalho de linguagem, trazendo na própria trama o processo de escrita e o processo de leitura, lugar onde esses elementos interagem uns sobre os outros e transformam-se ao longo do percurso.

Vida, paixão e morte de Etelvino Soares traz, enfim, o que há de melhor tempero na ficção: na arquitetura, a concisão de linguagem de acordo, aliás, com a especificidade do discurso poético e na atmosfera dos eventos, corrupção, intriga e libertinagem. Tudo com muita graça, humor e arte.

Textos de criação

Ciclos

tarde

a tarde cai
sobre todas as coisas
sem tocá-las
e o cosmo
volta a ser caos
à espera de Deus

30-08-89

fruto

o arado corta o campo
em promessas
sulcos longos de espera
do fruto
e do ventre da terra
brota o desejo
encarnado

27-08-89

manhã

a manhã eterna
traz a esperança
de cada dia
tão breve
como um fruto
de luz

04-09-89

fonte

onde repousa o tempo
quase silente
imóvel
flui o desejo
sem fim

12-09-89

*Roberto de Oliveira BRANDÃO*¹

¹ Professor da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP, ensaísta e autor, entre outros, de **Figuras de Linguagem**. São Paulo: Ática, 1989.

Geografia do mal

Recife, diluidora
Dos meus sonhos,
Tens água suficiente
Para afogar-me.

Tuas lâminas de vento
Ensaiam o corte
De minhas pontes
Respiratórias.

Em ti, sou ilha,
Cercado de males
Por todos os lados.

Eduardo MARTINS²

² Professor de Literatura Brasileira da Universidade Federal de Rondônia - Câmpus de Vilhena.

Cabine escura

Pinço palavras
da infância,
limpo com ácido,
corto pernas
na serra circular.

Tinjo de vermelho
o pênis
deste micróbio,
o bisturi acerta
a memória,
letras descompõem
o mapa.

Na sala escura
termino o verso,
jogo no hipossulfito,
até seus lábios
tremerem
no branco das entrelinhas.

*André CARNEIRO*¹

¹ Vencedor do Prêmio Bienal Nestlé de Literatura e autor, entre outros, de **Pássaros florescem**. São Paulo, Scipione, 1988.

reissen

entre minúsculos
ramos
vagueia
uma formiga

poderia seguir em linha reta e chegar ao destino: formigueiro

mas vagueia porque sabe
e olho para ela

a formiga em sua vaidade de esporas de fogo
trança o capim trança meus olhos mostra trança
meu caminho ferrão saúva.

caminho...

quem dirá que já tive?

ah...
se fecho os olhos,
poda a formiga, a minha folha

*Oswaldo DUARTE*¹

¹ Professor de Teoria da Literatura, Editor de **Instrumento Crítico** e autor, entre outros, de **Abri, abriste, abreu**. 4 ed. São Paulo, Atual, 1994.

Antiguidade

o quadro da parede
não sorri mais
de nós no sofá
tomando chá com porradas
em goles intercalados
pelas notícias do rádio
entre um aumento do dólar
e outro do kilo de farinha de trigo.

somos incapazes;
: sem vos,
sem olhos
sem olfato.

e a mulher do amigo da esquina
continua saindo à noite;
ele finge que não sabe
mas está enriquecendo.

o casal de sogros
do quadro antigo
tem olhos estupefatos.

José ALVES¹

¹ Professor de Literatura Infantil e Literatura Brasileira, vencedor de diversos prêmios de literatura, entre os quais, o "Prêmio Paulista Literatura".

NORMAS PARA PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS

1. Informações Gerais

A revista INSTRUMENTO CRÍTICO publica textos originais de Teoria da Literatura, Literatura Comparada, Literaturas de Língua Portuguesa e Lingüística na forma de artigos, resenhas e, ocasionalmente, em forma de ensaio.

Os dados e conceitos emitidos, bem como a exatidão das referências, são de inteira responsabilidade dos autores.

2. Preparação dos originais

Os trabalhos não podem exceder a 20 páginas e devem ser enviados em três cópias acompanhadas de disquete gravado em programa editor Word 6.0, 7.0 ou Word for Windows 3.1.

Quanto à estrutura do trabalho, deve-se obedecer à seguinte seqüência: título; autor; filiação científica (em nota de rodapé: instituição a que o autor do texto está filiado, cidade, CEP, estado, país); resumo (com no máximo 200 palavras); unitermos (com até 7 palavras); texto; referência bibliográfica do próprio texto; *abstract* e *keywords* (versão em inglês do resumo e unitermos); referências bibliográficas e bibliografia. As notas devem ser reduzidas ao mínimo e colocadas ao pé da página e as referências bibliográficas dispostas em ordem alfabética pelo sobrenome do primeiro autor.

Nas citações bibliográficas, o nome do autor citado deve figurar entre parênteses, separado por vírgula da data de publicação, como no exemplo: (Candido, 1992). Se o nome do autor estiver citado no texto, indica-se apenas a data entre parênteses: “Coutinho (1986) observa que...”. Quando for necessário especificar a página da citação, coloca-se, precedido de um “p.”, o número correspondente após a data, que deve ser distinguida por letra minúscula, quando mais de uma obra publicada no mesmo ano por um autor forem citadas.

As colaborações devem ser enviadas para a Coordenação da Revista *Instrumento Crítico* - UNIR, Fundação Universidade Federal de

Rondônia - Campus de Vilhena, Av. Marques Henrique, s/nº, CEP 78995-000, Vilhena - RO.

Sobre a Revista

Formato: 14 x 22 cm

Mancha: 11,17 x 17,35 cm

Tipologia: Times 8, 11, 20 e Romam 24 e 36

Papel: Offset 75 g/m² (miolo)

Cartão Super 6 250 g/m² (capa)

Matriz:

Impressão:

Equipe de produção

Projeto Editorial: Edição de Texto e Editoração Eletrônica:

Oswaldo Duarte

Propriedade do título *Instrumento Crítico*:

Oswaldo Copertino Duarte

Projeto Visual:

Alvaro Santos Simões Júnior & Oswaldo Duarte

Fotolito:

Encadernação:

André Carneiro - Carmen Lúcia Zambon Firmino - Eduardo Martins - Glória Pondé
Iedo Luiz Martinovski - Maria Nazareth Fonseca - Marisa Amarante Gavassi
Odette Penha Coelho - Osvaldo Duarte - Raquel Dal’Cortivo - Regina Zilberman
Roberto de Oliveira Brandão - Sonia Marques Joaquim Carneiro

Instrumento Crítico

Revista de Estudos da Linguagem

Universidade Federal de Rondônia
Câmpus de Vilhena
Rua Marques Henrique, S/Nº CEP 78995-000 - Vilhena - RO